



COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ

Inaugurado solenemente em 29 de março de 1950, com a presença dos então Presidente da República, Governador do Estado e de outras autoridades, o Colégio Estadual do Paraná representa a continuidade do tradicional Lyceu de Curitiba, fundado em 1846, objetivando propiciar educação gratuita e de qualidade à juventude paranaense e, outro assim, constituir-se em centro educacional padrão para os demais estabelecimentos de ensino do estado. Na época de sua entrega ao público, era considerado não só o maior colégio da América do Sul, como também o mais moderno, em função dos recursos educacionais e administrativos de que era dotado.

Erguido afastado do alinhamento, o que faz destacar sua imponente volumetria, situa-se nas proximidades do Passeio Público de Curitiba, inserindo-se, por conseqüência, em área também protegida (Lei nº 124, de 1953). Prédio de quatro pavimentos, ocupando área de, aproximadamente, 43.140m², consoante o projeto original, desenvolvido sobre planta em U, dispunha de 50 salas de aula, com capacidade para 50 alunos cada, além de laboratórios destinados ao ensino de disciplinas específicas, salas/ambiente, salas destinadas às atividades administrativas, cinema/teatro com capacidade para 1.000 pessoas, salão nobre com 400 lugares, bibliotecas, almoxarifado, além de espaços outros relacionados a atividades docentes e discentes. Composto de três blocos, os dois laterais erguidos sobre pilares - o que permite o aproveitamento dos espaços livres para fins diversos, em relação ao alunado -, além de sua relevante importância arquitetônica, transformou-se, com o passar do tempo, em destacado marco sociocultural do estado do Paraná. Tanto no bloco central quanto nos laterais, os vãos são acentuados por frisos verticais, em massa, o que não só quebra a excessiva horizontalidade de toda a edificação como permite, ademais, se observe bem o equilíbrio entre cheios e vazios. Ocultos pelas empenas, telhados em quatro águas em cada um dos blocos do conjunto edificado.

Janelas sistema guilhotina, de madeira com veneziana na parte inferior, e vidro, na superior, bandeiras em bascula. De linhas simples, sem ornatos exteriores, constitui exemplo típico da chamada, arquitetura oficial do Estado Novo (1937- 1945).

Iniciada em 1944 a pedra fundamental foi lançada em 29 de abril daquele ano a construção se arrastou por quase seis anos, inicialmente devido à falta de materiais, alguns deles escassos em função, mesmo, da Segunda Guerra Mundial e, também, em seguida, por culpa de insuficientes dotações orçamentárias, tanto da parte da União (Ministério da Educação e Saúde) quanto do estado do Paraná.

Em meados do ano de 1992, em virtude do precário estado de conservação do conjunto de edifícios, e com prazo previsto para conclusão no ano seguinte, fruto de concorrência pública para a qual se habilitaram cerca de 50 empresas de todo o país, foram iniciadas obras de reforma e restauração de todas as edificações, em continuação ao trabalho realizado no Planetário, localizado no bloco central, reaberto ao público em princípios de fevereiro daquele ano, e, também, no Auditório e no Ginásio de Esportes. A obra de restauração, de grande vulto, incluiu a substituição de todas as instalações hidráulicas, elétricas e de telefonia, substituição de



LOCALIZAÇÃO: AVENIDA JOÃO GUALBERTO. S/Nº
DATA DA CONSTRUÇÃO: 1944-1950.
PROPRIETÁRIO: GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ.
TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº 003/93. INSCRIÇÃO Nº 118. LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO. DATA: 10/03/1994.
BIBLIOGRAFIA: ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ, RELATÓRIOS E COLEÇÃO DE LEIS E DECRETOS. 1854 A 1950, CURITIBA. IBGE, ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS, VOL. XXXI RIO DE JANEIRO, 1954. IBPC, 10ª COORDENADORIA REGIONAL. CURITIBA. LEÃO. ERMELINO A. DICCIONARIO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO PARANÁ, EMP. GRAPHICA PARANAENSE, CURITIBA, 1928. STRAUBE, ERNANI C. DO LYCEU DE CORYTIBA AO COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ, FUNDEPAR, CURITIBA, 1993.

portas, janelas, ferragens, dos telhados, impermeabilização dos pisos, colocação de pára-raios, reformas nos laboratórios de Física, Química e Biologia, substituição total dos azulejos, instalação de sanitários para deficientes físicos, além da construção de novos vestiários para alunos e reforma de todas as instalações da Escolinha de Arte, dos Auditórios, do Salão Nobre e da Biblioteca. Ademais, substituíram-se as antigas instalações dos espaços destinados à Educação Física, com drenagem do campo de esportes e melhor adequação das pistas de corrida, reforma das piscinas, instalações novas para as cozinhas e melhoramentos no sistema de iluminação externa. Objetivando melhorar a circulação dos alunos, foi aberto novo acesso ao conjunto de edifícios, através da rua situada nos fundos.

Matriculando todos os anos cerca de 5.000 estudantes, distribuídos em 150 turmas, em três turnos: manhã, tarde e noite, o Colégio Estadual do Paraná, além dos cursos regulares de primeiro e segundo grau, proporciona outros, profissionalizantes, nas áreas de Secretariado, Técnica de Patologia Clínica, Processamento de Dados, Técnico em Laboratório, Desenho de Arquitetura, Assistente Administrativo, Artes Cênicas etc.

Importante ressaltar que a solicitação de tombamento da edificação foi feita por grupo de alunos do Colégio Estadual do Paraná, o que vem demonstrar quão certo estava o saudoso Aloísio Magalhães (1927-1982), o criador da Fundação Nacional Pró Memória e Secretário de Cultura do Ministério da Educação e Cultura, entre 1980 e 1982, ao afirmar “ser a comunidade a melhor guardiã de nosso patrimônio e de sua preservação, desde que com eles identificada(...)”.



CONJUNTO FORMADO PELOS EDIFÍCIOS DA REITORIA D. PEDRO I E D. PEDRO II DA UFPR

Considerada a mais antiga do Brasil, a Universidade Federal do Paraná foi fundada no ano de 1916, em uma época de mudanças estruturais da sociedade.

Na década de 1930, alguns intelectuais paranaenses decidiram criar, na capital, uma faculdade de filosofia dentro dos padrões já existentes, como por exemplo, na Universidade de São Paulo. O principal objetivo desta instituição, conforme depoimento da historiadora Cecília Westphalen, era de “ampliar a cultura no domínio das ciências puras; promover e facilitar a prática de investigações originais, desenvolver e especializar conhecimentos necessários ao exercício do magistério; sistematizar e aperfeiçoar a educação técnica e científica para o desempenho profícuo de diversas atividades nacionais”. Todo o esforço e empenho foram recompensados com a criação da esperada faculdade no ano de 1938.

Inicialmente, a faculdade funcionava em um prédio alugado no Instituto Santa Maria, de propriedade dos Irmãos Maristas. Por diversos motivos, financeiros entre outros, optou-se pela construção de um prédio próprio para a instalação da Faculdade de Filosofia. A idéia inicial era construí-lo na Praça Santos Andrade, onde existia o edifício principal da universidade. Entretanto, a Reitoria decidiu pela construção de um conjunto de edifícios que sediariam a Reitoria, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e a Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas, em terreno adquirido à rua XV de Novembro, nas imediações do velho prédio da Universidade.

No dia 04 de dezembro de 1950, foi sancionada a lei n. 1.254 pelo Presidente da República Eurico Gaspar Dutra e pelo Ministro da Educação Pedro Calmon, a qual tornou federal a Universidade. Nesses 90 anos de existência, a UFPR consolidou-se como uma das melhores do país, recebendo estudantes das mais diversas partes do Paraná, do Brasil e até do exterior.

Em 1954, iniciavam-se trabalhos de pesquisa nas áreas de Zoologia, Etnografia e Genética. Também nessa mesma época, foi organizado pela Professora Cecília Maria Westphalen a Faculdade de História, que desde então vem desenvolvendo projetos de pesquisas relevantes acerca da história do Estado do Paraná.

O edifício da Faculdade de Ciências Econômicas foi inaugurado em 26 de abril de 1956, passando a abrigar provisoriamente a Faculdade de Filosofia e Ciências. O prédio construído na rua General Carneiro foi inaugurado em agosto de 1958 e o Edifício D. Pedro I, por ocasião das comemorações do Sesquicentenário da Independência do Brasil. No projeto original o edifício da Reitoria deveria abrigar a Biblioteca Central e, onde é a Biblioteca Central, deveria ser o salão de festas para os estudantes, com a denominação de Palácio dos Estudantes.

O complexo, depois de concluído, tornou-se o mais importante espaço para a formação intelectual e de pesquisa do Paraná, congregando várias faculdades e



LOCALIZAÇÃO: RUA XV DE NOVEMBRO, DR. FAIVRE, AMINTAS DE BARROS, GENERAL CARNEIRO - COMPOSIÇÃO DO QUARTEIRÃO
 PROPRIETÁRIO: GOVERNO FEDERAL.
 TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº 002/95. INSCRIÇÃO Nº 123.
 LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO. DATA: 08/11/1995.
 BIBLIOGRAFIA: ARQUIVOS DA CURADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ.



curiosos. Isso constituiu uma experiência inédita, o que possibilitou o contato direto e interdisciplinar entre os universitários dos mais diversos cursos.

A Reitoria, como é conhecido todo o complexo de prédios, tornou-se, ao longo dos anos, referência na cidade de Curitiba e local para as mais diversas manifestações sociais, como em 1968, quando os estudantes se rebelaram contra a situação político-educacional.

Durante os seus mais de 40 anos de existência, os edifícios da Reitoria sofreram algumas modificações interna e externamente. Na década de 1980, por exemplo, o pátio, que até então era local de estacionamento de carros, passou por uma remodelação. Hoje é uma praça de convivência de estudantes, professores, funcionários e transeuntes. ✿



CONJUNTO URBANO DA RUA COMENDADOR ARAÚJO

TRECHO ENTRE AS RUAS DESEMBARGADOR MOTTA E BENJAMIM LINS

A Rua Comendador Araújo está implantada sobre o leito do antigo caminho, também conhecido como Estrada do Mato Grosso. No final do século XIX a rua possuía elementos urbanísticos e arquitetônicos que se destacavam na malha urbana de Curitiba. Foi nesse período que os proprietários rurais passaram a estabelecer-se na capital. Foram então construídas na Comendador Araújo residências luxuosas de arquitetura eclética. 🌿





LOCALIZAÇÃO: RUA COMENDADOR ARAÚJO, TRECHO ENTRE AS RUAS DESEMBARGADOR MOTTA E BENJAMIN LINS.

PROPRIETÁRIO: DIVERSOS.

TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº 03/00. INSCRIÇÃO Nº 153. LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO. DATA: 11/11/2004.

BIBLIOGRAFIA: ARQUIVOS DA CURADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ.



EDIFÍCIO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

A Biblioteca Pública do Paraná foi criada em 7 de março de 1857, pelo Vice-Presidente da Província, José Antônio Vaz de Carvalhaes.

O atual edifício pertence ao conjunto de obras realizadas para comemorar o Centenário de Emancipação Política do Paraná, formado pelo Teatro Guaíra, a Praça Dezenove de Dezembro, o Centro Cívico e o Colégio Tiradentes.

Em 1951, em mensagem do governo à Assembléia, foi anunciada a construção da Biblioteca Pública do Paraná, primeira obra comemorativa a ser planejada. Projetado pelo engenheiro Romeu Paulo da Costa, em uma área central, próxima à Praça Tiradentes, o prédio foi construído em apenas oito meses e inaugurado em dezembro de 1954, pelo Presidente da República Café Filho.

Edificação de arquitetura moderna, está implantada em um terreno ligeiramente inclinado, ocupando uma área de 8.528,96 m². Possui três pavimentos, sendo o térreo acessado por elegante rampa de concreto. Na composição da fachada principal destaca-se a seqüência de septos verticais. Seu acervo é composto por livros, folhetos, mapas, partituras, manuscritos, discos vinil, CDs, diafilmes, diapositivos, CD-ROM, vídeos, fitas cassetes e livros adaptados para deficientes visuais. A coleção de livros conta com aproximadamente 470.000 volumes, sendo uma das bibliotecas mais freqüentadas do país. ✨



LOCALIZAÇÃO: RUA CÂNDIDO LOPES, 133 – CENTRO

DATA DE CONSTRUÇÃO: 1954

AUTOR DO PROJETO: ENGENHEIRO ROMEU PAULO DA COSTA.

PROPRIETÁRIO: GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ

TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº 07/03. INSCRIÇÃO Nº 148. LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO. DATA: 18/12/2003.

BIBLIOGRAFIA: ARQUIVOS DA CURADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA SECRETARIA DA CULTURA DO ESTADO DO PARANÁ.

XAVIER, ALBERTO. ARQUITETURA MODERNA EM CURITIBA.

SÃO PAULO: PINI; CURITIBA: FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA, 1985.





LOCALIZAÇÃO: AVENIDA MARECHAL FLORIANO PEIXOTO, 1251.

DATA DE CONSTRUÇÃO: DÉCADA DE 1900

PROPRIETÁRIO: GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ

TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº 02/01. INSCRIÇÃO:
Nº 143. LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO. DATA: 17/12/2003.

BIBLIOGRAFIA: ARQUIVOS DA CURADORIA DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA SECRETARIA DE ESTADO DA
CULTURA DO PARANÁ.

EDIFÍCIO DO MINISTÉRIO PÚBLICO

SUBSEDE DA AVENIDA MARECHAL FLORIANO PEIXOTO

Em 1902 o Governo do Paraná adquiriu o prédio, com a finalidade de nele abrigar diversas repartições públicas. O projeto de adaptação é de autoria do Engenheiro Cândido Ferreira de Abreu. A partir de dezembro do ano seguinte, foram instaladas a Secretaria de Obras Públicas, Interior e Justiça, o Superior Tribunal de Justiça e ainda a Diretoria de Higiene. Mais tarde abrigou também o Tribunal de Júri. Em 1997 passou a sediar o Ministério Público.

Trata-se de uma edificação em estilo neoclássico, soerguida por porão alto, com dois pavimentos no corpo central e apenas um nos corpos laterais. As fachadas apresentam cimalkhas, platibandas com trechos com balaustrada e pináculos, e janelas com folhas de madeira e vidro que são intercaladas por colunatas com capitéis, marcando o ritmo dos vãos. No eixo central da fachada principal, destaca-se o frontão sobreposto a um conjunto de três portas que dão acesso a uma sacada, e ladeado por outras duas dotadas de sacada. A cobertura é constituída por três telhados em quatro águas, com telhas francesas. ✿



IGREJA DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DAS CHAGAS

Ao contrário de muitos outros núcleos urbanos brasileiros, principalmente os situados na Bahia e Minas Gerais. Curitiba colonial não teve grande expansão, em termos de uma arquitetura representativa daquele período de sua evolução como cidade. Embora os exemplares arquitetônicos de maior interesse do chamado Centro Histórico não possam ser considerados bastante característicos de determinada época, nem por isso deixam de constituir-se em documentação precisa do passado da cidade e exemplificar importantes fases de sua história. Apesar de muitos deles terem sido prejudicados pelas modificações por que passaram, como conjunto entretanto, não se mostram comprometidos de forma irremediável. Como deslocamento do centro comercial na direção sul da cidade, o antigo núcleo ficou estagnado até que através das medidas de preservação e reutilização proporcionadas pelo Plano de Revitalização do Centro Histórico da Cidade de Curitiba, elaborado em 1970, pode, a área, transformar-se em centro dotado de equipamentos culturais e determinadas atividades comerciais que lhe permitiram a revitalização.

Curitiba - vocábulo indígena que significa "reunião de pinheiros", isto é, pinheiral (em virtude, certamente, da grande quantidade de "araucária brasiliensis" então existente nas suas cercanias) teve sua história iniciada, oficialmente, em 1668, ano em que Gabriel de Lara, capitão-mor de Paranaguá e procurador do donatário da capitania, tomou posse de povoação que surgira, fazia muitos anos, "em terras com limites da demarcação do Senhor Marquês de Cascais, nela encontrando dezessete moradores representativos da sociedade que ali se estava constituindo em que lhe requereram a instituição da Vila". Não foi, entretanto, Gabriel de Lara o fundador de Curitiba, atribuição dada por inúmeros historiadores a Eleodoro Ébano Pereira, que em 1654 teria iniciado a primeira povoação, em terras onde já havia as famosas lavras de Itaimbé (Açungui - Campos de Curitiba).

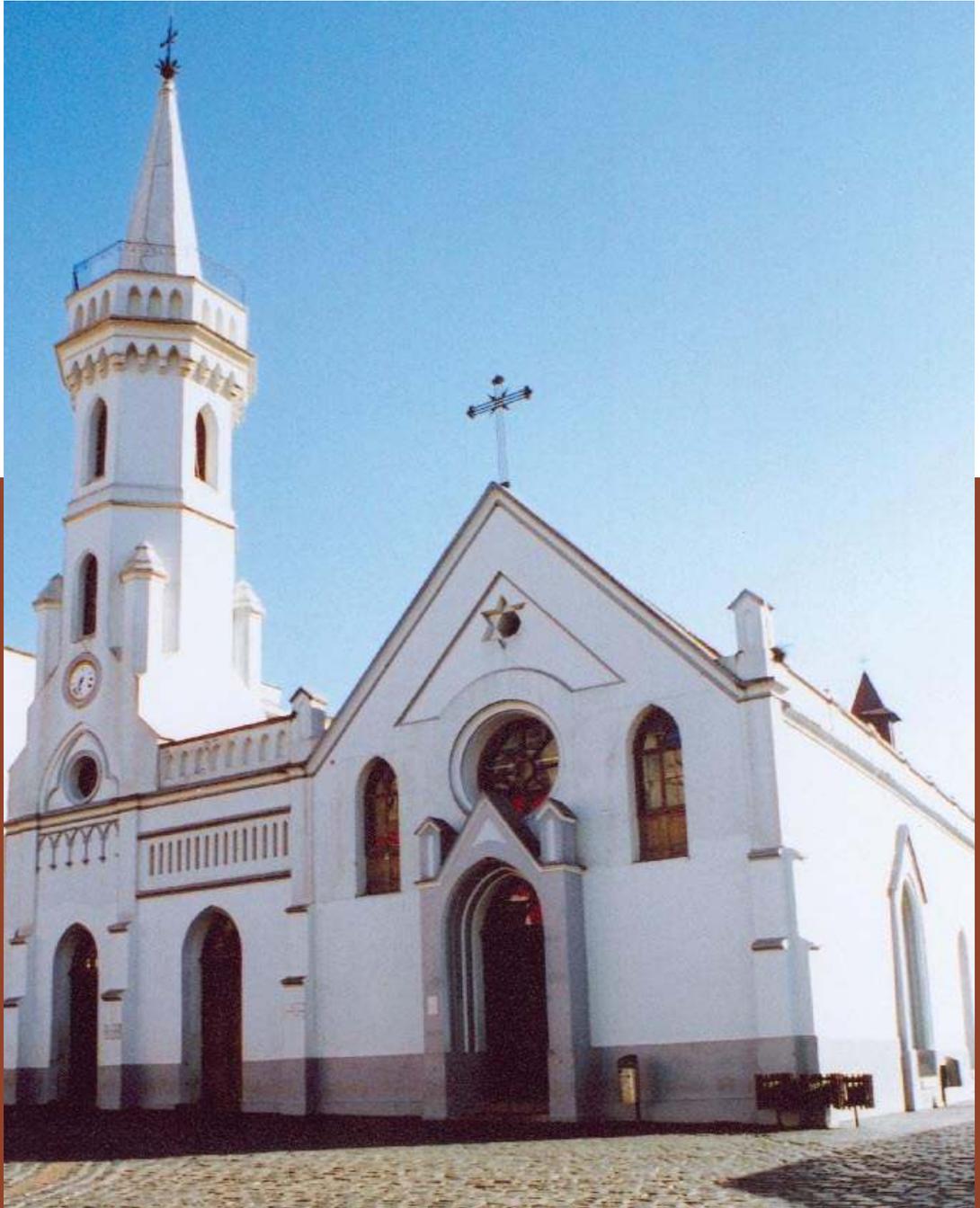
Segundo Romário Martins, as minas do Arraial Grande (São José dos Pinhais) foram as formadoras de um dos núcleos de origem do efetivo povoamento de Curitiba, antes de 1661. Todavia, muitos anos antes da presença de Ébano Pereira já existiam na área numerosos moradores, pois o planalto curitibano era conhecido e palmilhado, desde os tempos iniciais da colonização do Brasil, por bandeirantes em busca de ouro ou na caça ao gentio.

Enquanto espanhóis e portugueses lutavam na defesa de seus direitos e discutiam a exata localização do meridiano de Tordesilhas, batendo-se pela posse da terra virgem do Brasil, o Planalto de Curitiba, isolado do litoral, ia crescendo, com a formação de pousos, currais, arraiais e invernadas de tropeiros e mineradores.

A povoação de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais de Curitiba foi elevada à condição de vila em 1693, embora desde 1661 existissem notícias e referências docu-



LOCALIZAÇÃO: PRAÇA CORONEL ENÉAS (LARGO DA ORDEM).
DATA DA CONSTRUÇÃO: 1737.
PROPRIETÁRIO: ARQUIDIOCESE DE CURITIBA.
TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº 222-07/65, INSCRIÇÃO Nº 07. LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO. DATA: 26/01/1966.
BIBLIOGRAFIA: ARQUIVOS DA CURADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ.
 ANDRADE, A. R. LUSTOZA DE. BREVE NOTÍCIA DA IGREJA DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DAS CHAGAS, CURITIBA, 1880.
 CARNEIRO, DAVID. HISTÓRIA DO PERÍODO PROVINCIAL DO, PARANÁ, CURITIBA, 1960.
 CRUZ, MARIA ESTER TEIXEIRA. RESTAURAÇÃO E CONSERVAÇÃO, CURITIBA, 1978.
 LYRA, CYRO CORRÊA DE OLIVEIRA. "A RESTAURAÇÃO DA IGREJA DA ORDEM". IN REVISTA FUNDAÇÃO, Nº 3, FCC. CURITIBA. 1980.
 MARTINS, A. ROMÁRIO. HISTÓRIA DO PARANÁ, 2ª ED., MELHORAMENTOS, SÃO PAULO, 1939.
 _____ .BANDEIRAS E BANDEIRANTES EM TERRAS DO PARANÁ GUAÍRA, CURITIBA, 1946.
 SAINT-HILAIRE, AUGUSTE. VIAGEM A CURITIBA E PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA, USP ATATIAIA, SÃO PAULO, 1978.



mentadas a respeito da concessão de sesmaria feita a Balthazar Carrasco dos Reis, uma das principais figuras relacionadas ao povoamento e fundação de Curitiba.

Devido aos novos descobrimentos de ouro em Minas Gerais e a medida que a produção das minas no Planalto de Curitiba ia escasseando, os povoadores daquela região passaram a explorar o pastoreio, novo gênero de vida, que exigiu o sedentarismo, a fixação em torno de currais sementes de futuras aldeias, vilas e cidades. Alguns mineradores se fizeram tropeiros, invernadores e criadores de gado e retiraram das minas o pessoal necessário a esses novos misteres.

“Na época de minha viagem (1820)” disse Auguste de Saint-Hilaire “Curitiba, construída numa das partes mais baixas de um vasto plano ondulado que se limita do Sul e ao Nordeste com a Serra do Mar, apresentava agradável alternativa de campos e bosques, tinha forma quase circular e se compunha de cerca de 220 casas cobertas de telhas, quase todas de um só pavimento, porém, em sua maioria, construídas em alvenaria de pedra. As ruas eram largas e regulares e as igrejas, em número de três, todas construídas de pedra, merecendo ser citadas: a paroquial, dedicada a Nossa Senhora da Luz e a da Ordem Terceira. A praça pública era quadrada, muito grande e coberta de grama.”

Entretanto, no século XIX, a criação da província do Paraná, tendo Curitiba por capital, o desenvolvimento econômico traduzido, sobretudo, pela exportação de erva-mate e a intensa imigração européia marcariam a segunda fase da evolução da cidade.

Themístocles Linhares, citando Newton Carneiro, revela que a paisagem urbana se transformou, “com as mudanças que esses imigrantes de origem germânica, eslava e italiana introduzem nos métodos construtivos e nas soluções arquitetônicas. O uso do sótão, com o aproveitamento de telhados de forte inclinação, se generalizou”.

As primitivas telhas capa-e-canal, marca inconfundível dos telhados coloniais construídos pelos portugueses, foram sendo substituídas pelas telhas planas chamadas vulgarmente de telhas alemãs.

A transformação cultural que se processou não se refletia somente na moradia do imigrante, mas também nas edificações religiosas. Exemplo dessa mudança foi a reforma “modernizadora” levada a termo na igreja da ordem, entre 1878 e 1880, reforma essa justificada entre outros argumentos (desabamento do primitivo vigamento, desaprumo das paredes, ruína iminente), pelo fato de estar a cidade sem a matriz, demolida em face da precariedade de seu estado, e em seu lugar estar sendo construída a nova, a catedral. A Igreja da Ordem, reformada, refletiria, no dizer do arquiteto Cyro Corrêa de Oliveira Lyra, “o partido arquitetônico dominante na época, através da preocupação formalista e do romantismo neomedievalista de que, no Brasil, os alemães foram os principais porta-vozes, sobretudo no que se refere à arte religiosa”.



A modificação da Igreja da Ordem para uma linguagem neogótica, através do alteamento de suas paredes, da abertura de vãos em forma ogival, da substituição do telhado, da execução de tetos em estuque imitando abóbadas nervuradas, refletia não só a orientação neomedievalista, influente na religião católica do final do século, mas também a mudança cultural de uma sociedade com uma presença marcante de imigrantes, principalmente alemães. Essa influência maior se fazia sentir na atividade da construção, e exercida principalmente por pessoas de origem européia.

Entretanto a reforma gotizante de 1880 não foi respeitada, sofrendo a igreja um sem-número de modificações descaracterizadoras. Em 1974 os arquitetos Cyro Corrêa de Oliveira Lyra e José La Pastina Filho, contratados pelo município, elaboraram projeto de restauro da igreja e de adaptação de sua sacristia para um Museu de Arte Sacra. As obras foram iniciadas em fins de 1978, após grande campanha popular de arrecadação de fundos organizada pelo então coordenador da Casa Romário Martins, engenheiro Rafael Greca de Macedo.

Os trabalhos de prospecção levados a efeito durante a restauração vieram mostrar que o edifício guardava, ainda, em seu arcabouço, grande parte da igreja primitiva. Na capela-mor, sob o reboco, encontraram-se três seteiras do século XVIII, uma intacta e as outras duas semidestruídas pela abertura das janelas ogivais. Sob o pórtico neogótico da entrada, permaneciam ainda as ombreiras de pedra que primitivamente guarneceram a portada principal. E o retábulo do altar-mor, apesar de mutilado pela retirada dos nichos e pelas sucessivas repinturas, permanecia em sua essência perfeitamente íntegro.

Diante da coexistência de duas igrejas, a do século XVIII, luso-brasileira, e a do século XIX, neogótica, o projeto de restauração firmou-se na tese de que a obra deveria mostrar de forma clara os dois momentos históricos. Com esse objetivo, a capela-mor teve restabelecido seu espaço setecentista, reintegrando o retábulo do altar-mor à sua ambientação original. Para isso não só foi reconstituído em madeira o teto abobadado, como também restauradas as três seteiras, reconstituída a parede lateral esquerda e reconstituído — com base em uma fotografia antiga — o arco cruzeiro, enquanto a nave teve valorizado seu vocabulário neogótico. Assim foram eliminadas as diversas repinturas que cobriam as abóbadas, reavivada a primitiva camada pictórica e restaurados os montantes e balaustradas de linhas goticistas do coro. A restauração dos retábulos, altares e imagens foi executada no ateliê da Fundação Cultural do Curitiba, sob a orientação da restauradora professora Maria Ester Teixeira Cruz. Provavelmente a construção mais remota existente na cidade, a Igreja da Ordem, domina a paisagem do setor histórico de Curitiba, como referência arquitetônica de dois vetores culturais que marcaram a sociedade curitibana em sua formação: o ibérico e o germânico. ✿

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DO PARANÁ PROFESSOR ERASMO PILOTO

Como ocorreu em outras capitais, o Instituto de Educação nasceu com a denominação de Escola Normal. Fundado a 12 de abril de 1876, seu objetivo era a formação de professoras para o ensino nas escolas primárias do estado.

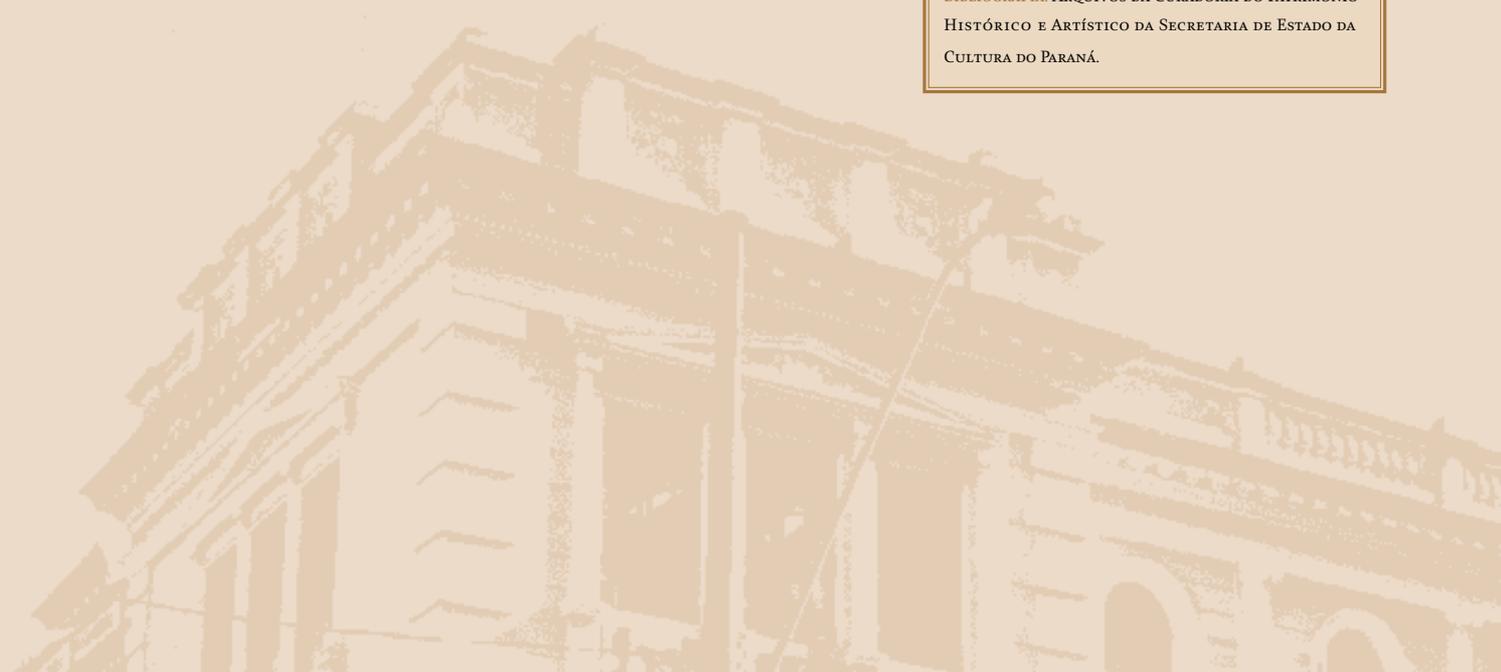
De 1922, ano em que foi entregue à comunidade pelo governador Caetano Munhoz da Rocha, até nossos dias, o imóvel foi por diversas vezes reformado e ampliado - possui hoje um total 5.500,00m² de área construída -, sem perder contudo suas características arquitetônicas principais.

Marco da história do ensino no Paraná, o Instituto de Educação teve sua inscrição no Livro do Tombo Histórico aprovada pelo Conselho do Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná em reunião realizada em 09 de novembro de 2004.

Ocupando um terreno de esquina de uma quadra em pleno centro da cidade, o prédio, construído com alvenaria de tijolo e coberto com telhas cerâmicas, destaca-se pela sua imponência. Sua arquitetura segue o receituário eclético dos prédios públicos do início do século passado. Em suas fachadas o ritmo regular de cheios e vazios, formado pela seqüência de paredes e janelas, é rompido nos ângulos da construção onde o corpo da edificação se destaca à maneira de torreões. Os vãos de janelas dispostos nas paredes dos torreões são retangulares. No restante das fachadas, porém, essas aberturas diferem pela presença de bandeiras em arco pleno na parte superior dos vãos. Vale observar o tratamento ornamental em ressaltos modelados em argamassa aplicados nas fachadas, destacando-se as cornijas, cunhais, requadros, sobrevergas e cordões. ✨



LOCALIZAÇÃO: RUA EMILIANO PERNETA, 92 - CENTRO.
PROPRIETÁRIO: GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ.
TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº 006/04. INSCRIÇÃO Nº 154, LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO. DATA: 06/12/2004.
BIBLIOGRAFIA: ARQUIVOS DA CURADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ.







INSTITUTO NEOPITAGÓRICO

Em 26 de novembro de 1909 o professor Dario Veloso fundou uma entidade cultural para estudos das filosofias clássicas com a denominação de Instituto Neopitagórico. A sede, batizada com o nome de "Templo das Musas", foi inaugurada em 22 de setembro de 1918 e nela instalados auditório, biblioteca e demais dependências para reuniões e administração do Instituto. Em 1987, por razões acidentais, sofreu o prédio violento incêndio que destruiu sua cobertura e a maior parte do acervo. As maiores perdas foram a destruição da maioria dos livros de sua biblioteca de 15 mil títulos e das coleções de etnologia, numismática e filatelia. Embora bastante danificado pôde o edifício ser recuperado e retornar à sua função.

Procurando referência na cultura clássica, reproduz esse edifício a fachada de um templo hexástilo da ordem dórica. No frontão uma águia representa o símbolo da entidade. Construtivamente, obedece aos padrões corriqueiros da arquitetura de início do século - alvenaria de tijolo e cobertura de telhas cerâmicas. ✨



LOCALIZAÇÃO: RUA PROFESSOR DARIO VELOSO, 460, VILA ISABEL.

DATA DA CONSTRUÇÃO: 1912.

PROPRIETÁRIO: INSTITUTO NEOPITAGÓRICO.

TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº 20/68. INSCRIÇÃO Nº 20.

LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO: DATA: 04/09/1968.

BIBLIOGRAFIA: ARQUIVOS DA CURADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ.





JOCKEY CLUB DO PARANÁ

Com antigo nome de Club de Corridas Paranaense, o Jockey Club do Paraná surgiu em 2 de dezembro de 1873, com a eleição de sua primeira diretoria, fato que o torna a entidade turfística mais antiga do Brasil. O Clube fora organizado pelo hipólogo brasileiro Luiz Jácome de Abreu Sousa, destacado na época pela imprensa como “a alma do turfe”.

Em 29 de janeiro de 1874, foi inaugurado o Prado Jácome, representando o marco inicial da história do Jockey Club. Hoje no local encontra-se o asilo Nossa Senhora da Luz, na Rua Marechal Floriano Peixoto. O primeiro Grande Prêmio da história do turfe do Paraná, cuja denominação era Grande Prêmio “Dezenove de Dezembro”, foi instituído no dia 17 de fevereiro de 1886. A corrida aconteceu no ano seguinte, em 6 de janeiro.

Em 1897, foram tomadas as primeiras iniciativas para a construção do novo prado em Guabirota, na gestão do presidente Ernesto de Campos Lima. No ano seguinte é publicado no jornal A República um edital convocando concorrentes para “(...) a construção de obras de alvenaria para as novas arquibancadas do Prado de corridas (...)”. O Hipódromo de Guabirota foi construído com a venda do terreno do Prado Jácome, que funcionava desde 1874.

O Hipódromo Guabirota foi inaugurado no dia 25 de junho de 1899, com as presenças do Governador Santos Andrade e do General Comandante do Distrito, recepcionados pelo Presidente Ernesto de Campos Lima. Dois dias depois, o jornal A República comentou: “Magnífica esteve a festa inaugural do Jockey Club Paranaense.



Recentemente acabado é incomparavelmente superior, ao que tínhamos até então, pois além de ter posição mais bella e cômoda, dispondo de confortável archibanca-da, com pavilhão ao centro para as autoridades, ampla e bem nivelada raia, oferece um conjunto elegantissimo”.

A sede do Jockey Club, instalada no Palacete Franco, foi inaugurada no dia 18 de janeiro de 1906, na gestão de Joaquim de Andrade.

A partir de 1940, com a importação de animais argentinos e uruguaios, além da vinda de um lote de potros e potranças de criação de Lenneo de Paula Machado, o nível técnico das corridas do Guabiro-tuba obteve grande melhora. Nessa época, foram então instituídas algumas das provas mais importantes do calendário turfístico para-naense, como o Grande Prêmio Paraná e Clássicos Primavera, Carlos Dietzsch e Manoel Ribas. O grande Prêmio Paraná, reconhecido como a prova máxima do turfe local, foi disputado pela primeira vez no dia 20 de dezembro de 1952, em 3000 metros.

Muitos defendiam, em 1948, a remodelação do Hipódromo do Guabiro-tuba, mas outros achavam que o terreno não oferecia boas condições. Assim, em setembro daquele ano, começaram as negociações entre o Jockey Club do Paraná, representado por Rubens Amazonas Lima, e o Desembargador Aristoxenes Bittencourt, para compra de terreno no Tarumã, embora ainda predominasse a idéia da construção do novo hipódromo no próprio terreno do Guabiro-tuba.

Em 20 de janeiro de 1950, foi nomeada uma comissão presidida por Lineu Ferreira do Amaral, com o objetivo de decidir entre a “Reconstrução do Guabiro-tuba ou construção de novo hipódromo em local apropriado”. Foi então decidida a construção de novo hipódromo, cujas obras iniciaram-se no dia 22 de novembro daquele ano.

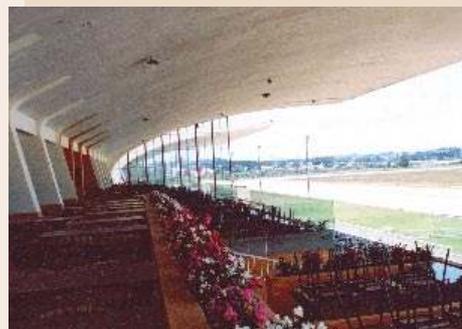
Em junho de 1952, a diretoria do Jockey Club organizou um gráfico do andamento das obras de execução do projeto do engenheiro Edmir Silveira D’Avila, com inauguração prevista para novembro do ano seguinte. Em 22 de novembro daquele ano, chegou a Curitiba Juan Regalia, técnico argentino e superintendente do Hipódromo Eva Peron, para estudar a construção das pistas do novo hipódromo. Em sua visita, alguns problemas foram verificados, e a marquise da arquibancada social teve que ser refeita, o que impossibilitou a inauguração do Hipódromo do Tarumã na data prevista.

Uma emocionante festa de despedida do Hipódromo do Guabiro-tuba foi realizada no dia 21 de novembro de 1955, após 56 anos de sua existência. Naquele local, no início do século XX, aconteceram as primeiras corridas de automóveis e bicicletas, e também a primeira partida de futebol de Curitiba.

A solenidade oficial de inauguração do novo hipódromo ocorreu em 10 de dezembro de 1955, às 11 horas da manhã, com as presenças dos Governadores Adolpho de Oliveira Franco e Irineu Bornhause, Bento Munhoz da Rocha Netto, Prefeito Ney Braga, Secretário de Saúde Joaquim de Mattos Barreto, presidente Pedro Alípio Alves de Camargo e as grandes figuras do turfe do Paraná. A primeira corrida no Hipódromo



LOCALIZAÇÃO: BAIRRO DO TARUMÃ
DATA DA CONSTRUÇÃO: 1955.
PROPRIETÁRIO: JOCKEY CLUB DO PARANÁ
TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº 006/2000. INSCRIÇÃO Nº 155, LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO. DATA: 10/03/2005.
BIBLIOGRAFIA: ARQUIVOS DA CURADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ.
 BOLETIM DO ARCHIVO MUNICIPAL DE CURITIBA.
 DOCUMENTOS PARA A HISTÓRIA DO PARANÁ. SOB DIREÇÃO DE FRANCISCO NEGRÃO FILHO. REVISADO POR JÚLIO MOREIRA. CURITIBA, PREFEITURA MUNICIPAL, 1960, 94P.





mo de Tarumã, o chamado Grande Prêmio Inaugural, foi realizada naquele mesmo dia, e no dia seguinte, o Prêmio Paraná.

Do ponto de vista técnico e artístico, merecem especial destaque as marquises em concreto armado de proteção das arquibancadas e tribunas. Conjugam, com efeito, as contribuições da técnica e da arte. O cuidadoso cálculo permitiu a obtenção de lajes de pronunciado balanço, mas de esbelta espessura e o traço sensível resultou em um perfil graciosamente delineado. ✿





MURAL DA MATERNIDADE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Esse mural é obra do curitibano Arthur Nísio (1906-1974), desenhista, gravador e pintor. Medindo 3,45m de altura por 6,75m de comprimento, foi encomendado pela Sociedade Paranaense de Cultura para ornamentação da Maternidade Nossa Senhora de Fátima.

Em azulejos brancos e azuis, Nísio retratou a aparição da Virgem Maria em 1927 a pastores na localidade de Fátima, Portugal. ✿



LOCALIZAÇÃO: AVENIDA VISCONDE DE GUARAPUAVA, 3077
AUTOR DO PROJETO: ARTHUR NÍSIO.
PROPRIETÁRIO: SOCIEDADE PARANAENSE DE CULTURA.
TOMBAMENTO ESTADUAL PROCESSO Nº 24/90. INSCRIÇÃO Nº 09.
LIVRO DAS BELAS ARTES. DATA: 14/12/1990.



MUSEU DA CASA ALFREDO ANDERSEN



Integrando conjunto arquitetônico com unidades vizinhas, a edificação é antiga casa de moradia urbana construída em alvenaria de tijolos, em dois pavimentos. Adotando o partido da arquitetura eclética, em voga em fins do século passado e inícios do atual, o prédio mostra fachada neoclássica com as envasaduras emolduradas por requadros em massa, vergas em semicírculo no primeiro piso e sobrevergas arqueadas no segundo. Porta central ladeada por quatro janelas - duas de cada lado, sistema guilhotina -, todas com bandeiras fixas. No segundo pavimento, janela rasgada ao centro e balcão com guarda-corpo em ferro, e quatro janelas de peitoril. Cobertura em telhado de quatro águas, arrematado na fachada principal por platibanda com ornatos em massa. O prédio, que por muitos anos serviu de moradia e ateliê-escola para Alfredo Andersen, abriga, agora, exposta em caráter permanente, expressiva coleção de obras e documentos do artista, que com muita justiça é considerado o pai da pintura paranaense. Natural de Christiansand, Noruega, onde nasceu em 3 de novembro de 1860, Andersen, seguindo o desejo paterno, encaminhou seus estudos para a engenharia, com o fito de tornar-se construtor naval.

Aos 12 anos de idade, porém, já fazia tão bons desenhos que o reitor da escola o aconselhou a seguir carreira artística.

Em 1873, portanto aos 13 anos, pintou *Akt*, sua primeira tela conhecida. Por volta de 1874, segundo Egil Johan Ree, com o objetivo de se tornar marinheiro, viajou no barco do pai com destino à Itália. Já Carlos Rubens afirma que o objetivo era outro: obtida a permissão paterna, seguiria carreira artística. Desistiu, porém, por não ter recursos para matricular-se numa academia.

Anos mais tarde, resolveu enviar a Wilhelm Krogh, famoso cenógrafo, pintor e decorador de Christiania (atual Oslo), alguns desenhos seus, pedindo-lhe para ser aceito como seu discípulo. Sendo admitido, provavelmente de 1874 a 1877 passou a residir em Oslo, onde trabalhou sob orientação de Krogh. Viveu experiência laboriosa, dividindo suas atividades entre decoração, cenografia e pintura de terracota. Em 1878 executou a tela *Fazenda Fosquinha* e transferiu-se para Copenhague (Dinamarca). A fim de se preparar para ingressar na Academia de Arte, frequentou o ateliê de Carl Andersen, pintor de retratos e assistente da academia.

Em 1879 era admitido na Academia Real de Belas-Artes de Copenhague.

Nesse mesmo ano, conforme certificado de P. Tejlemann, lecionava *Desenho Livre* na Escola de Rapazes, junto ao Asilo de Vesterbro. O próprio Tejlemann atesta ainda que, nos anos de 1881 e 1883, Andersen dirigiu o ensino de desenho da escola da qual era diretor, tendo empregado métodos livres.

Em 1891 não só expôs em Oslo como executou o retrato de Knut Hamsun, autor de *A Fome* (*Sult*), que se encontrava num ciclo de palestras pelo litoral e de quem era grande amigo, inclusive pela afinidade que ambos experimentavam na exaltação do individualismo, amor à liberdade e defesa da integração do homem com a natureza. Com essa obra, Andersen iniciava a série de retratos psicológicos.

No mesmo ano em que pintou Hamsun, Andersen iniciou uma longa viagem.

Supõe-se que esteve no México, Barbados e, pela primeira vez, no Brasil, onde, na Paraíba do Norte, pintou o Porto de Cabedelo.

Em 1892, embarcava no navio capitaneado por seu pai, Tobias Andersen, iniciando uma espécie de volta ao mundo, cujo roteiro era Buenos Aires, África do Sul, Ásia, América do Norte. Aportou novamente em Cabedelo, onde executou vários estudos (desenhos, aquarelas e o famoso óleo Porto de Cabedelo). Rumo ao Sul, segundo versão oficial, uma avaria no mastro do navio, devido a forte temporal, fê-lo desembarcar em Paranaguá.

Conforme relato do próprio Andersen, a imagem altamente positiva que teve do Paraná e razão, talvez, da sua permanência aqui, deve-se ao fato de uma visita à Escola de Belas-Artes e Indústrias.

Em Paranaguá, de forma temporária ou permanente, fixou-se aproximadamente dez anos. Os temas mais comuns em seus desenhos e pinturas eram, então, paisagens do litoral e da estrada de ferro que liga Paranaguá a Curitiba, tipos populares e retratos. Embora sejam conhecidas várias obras dessa fase, é no momento impossível ter-se uma visão de conjunto de sua produção na época, visto que, ao que tudo indica, Andersen costumava trocar trabalhos seus por mercadorias com a tripulação dos navios que aportavam em Paranaguá. Prova, tanto desse contato, como talvez de um prosseguimento das viagens, são o retrato Meu Amigo Inglês (Capitão Compton) e a composição Lendo Correspondência, ambos de 1896. Por outro o retrato do Visconde de Nacar e outras obras comprovam sua presença em Paranaguá nesse mesmo ano. Quanto à data e circunstâncias precisas da transferência de Andersen para Curitiba, as opiniões também divergem.

Em Curitiba, Alfredo Andersen passou a desenvolver intensa atividade, não só como artista, mas também como professor. Em seu próprio ateliê, fundou uma escola particular de desenho e pintura. Fez inúmeros projetos para criar uma escola oficial de belas-artes, porém não viu seu sonho se realizar. Também assumiu a função de professor de Desenho da Escola Alemã do Colégio Paranaense.

Em 1909 foi convidado, por Maria Aguiar Lima, para assumir a direção das aulas noturnas da Escola de Belas-Artes e Indústrias. Através dessa experiência, teve a oportunidade de pôr em prática a sua utópica Escola Profissional de Desenho para Operários, espécie de Bauhaus provinciana para formar operários especializados. Também esse sonho foi sacrificado, com a transformação da Escola de Belas-Artes e Indústrias em Escola Feminina, o que a descaracterizou totalmente.

O seu primeiro ateliê em Curitiba localizava-se na Rua Marechal Deodoro, no local que fora o estúdio do fotógrafo Volk seria mais tarde transformado no célebre ateliê de Ghelfi, onde foi lançado o estilo paranista. Mais tarde, Andersen transferiu seu ateliê para a Rua Conselheiro Carrão, atual Mateus Leme, hoje Museu Casa Alfredo Andersen, onde viveria até o final de seus dias.

Além de sua importância didática, que lhe valeu o título de "Pai da Pintura Paranaense", grande foi o valor de Alfredo Andersen como artista plástico. Três



LOCALIZAÇÃO: RUA MATEUS LEME, 336 - CENTRO.
PROPRIETÁRIO: GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ.
TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº 30/71. INSCRIÇÃO Nº 30. LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO. DATA: 10/08/1971.
BIBLIOGRAFIA: ANDERSEN, THORSTEIN "BIOGRAFIA SUCINTA DO MESTRE" (MANUSCRITO), ARQUIVOS DO MUSEU CASA ALFREDO ANDERSEN.
 ARAÚJO, ADALICE. ARTE PARANAENSE MODERNA E CONTEMPORÂNEA EM QUESTÃO/3.000 ANOS DE ARTE PARANAENSE, TESE DE CONCURSO, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, CURITIBA, 1974.
 "O PIONEIRISMO DE ALFREDO ANDERSEN", IN CATÁLOGO EXPOSIÇÃO ANDERSEN, MUSEU NACIONAL DE BELAS-ARTES, RIO DE JANEIRO, 1984.
 ARQUIVOS DA CURADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ.
 ARQUIVOS DO MUSEU, CASA ALFREDO ANDERSEN.
 PILOTO, VALFRIDO. O ACONTECIMENTO ANDERSEN, MUNDIAL, CURITIBA, 1960.
 RUBENS, CARLOS. ALFREDO ANDERSEN, PAI DA PINTURA PARANAENSE, O. CARVALHO, SÃO PAULO, S.D.

grandes linhas temáticas caracterizam a obra de Alfredo Andersen como pintor: o retrato, a paisagem e as cenas de gênero. No retrato, Alfredo Andersen explorava, em geral, os efeitos do claro-escuro, característica, aliás, comum entre os pintores nórdicos. Em alguns, como A Menina com a Flor na Boca, a fugacidade do efêmero chega a sugerir o impressionismo. Nas paisagens e cenas de gênero, as composições iniciais, que tendiam aos pastéis e cinzas, são substituídas - em contato com a luz dos trópicos - por uma paleta mais leve, mais próxima do impressionismo. Proximidade esta que se caracteriza, porém, mais pela fatura e pela sensação visual de captação do fugidio perante a natureza do que pelas cores e toques soltos propriamente ditos. A luz, delimitando a forma sem destruí-la, aproxima-o dos realistas, parcialmente ligados ao impressionismo, como Manet ou Degas, mais do que como um dos mais emotivos intérpretes da gente e da paisagem paranaense em inícios do século XX. ✿





MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO PARANÁ

Projetado para sede da Diretoria de Saúde do Estado, esse prédio teve sua construção iniciada em 1926, sendo inaugurado dois anos depois pelo governador Caetano Munhoz da Rocha. Mais tarde foi ocupado pela Secretaria de Trabalho e Assistência Social, que ali permaneceu até 1973, ano em que foi restaurado segundo projeto do arquiteto Sérgio Todeschini Alves, diretor do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado para abrigar o Museu de Arte Contemporânea, o da Imagem e do Som e o Conselho Estadual de Cultura.

O esquema simétrico de composição, a disposição e escala dos vãos de janelas, em confronto com a ausência da ornamentação de inspiração clássica, caracterizam a tendência da arquitetura oficial da época, em transição, do ecletismo neoclássico para o modernismo. ✿



PROPRIETÁRIO: ESTADO DO PARANÁ.

TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO N° 65/77. INSCRIÇÃO N°64.

LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO.DATA: 06/03/1978.

BIBLIOGRAFIA: ARQUIVOS DA CURADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ.



